

Projeto Mapa do Bem: cartografia social e georreferenciamento para construção de um Guia Digital Gastronômico e Cultural de bairros de Vitória

Lidiane Leite¹, Angélica Nogueira de Souza Tedesco¹, Josilene Cavalcante Corrêa², Raoni Schmitt Huapaya¹, Sheila Cristina Nogueira², Marly Rodrigues Gabriel², Antonio Donizetti Sgarbi¹ e Adriano de Souza Viana¹

¹ Instituto Federal do Espírito Santo, Brasil. lidiane.vasconcelos@ifes.edu.br; angelica.tedesco@ifes.edu.br; raoni.huapaya@ifes.edu.br; sgarbi.ad@gmail.com; adrianosviana@yahoo.com.br

² Laboratório de Tecnologias Sociais - Ifes, Brasil. josilenecavalcantecorrea@gmail.com; sheilacns@hotmail.com; marlyrga@gmail.com

Resumo. O Mapa do Bem corresponde a um projeto piloto de extensão tecnológica em cartografia social e georreferenciamento de oito bairros no município de Vitória – ES, para a construção coletiva de uma ferramenta interativa apresentada em forma de aplicativo digital. O projeto teve por objetivo disponibilizar um Guia Gastronômico e Cultural que estimula e facilita moradores locais e da cidade conhecer e acessar produtos e serviços, como estratégia para contribuir com o desenvolvimento social, econômico e cultural do território. O mapeamento dos pontos gastronômicos e culturais associou a investigação qualitativa a um conjunto de técnicas quantitativas para a produção de dados, a saber, técnicas de cartografia social e georreferenciamento para a identificação e registro das referências de acesso e consumo local. Os caminhos metodológicos apresentados possibilitaram não apenas o mapeamento e construção do Guia, mas também o reconhecimento e valorização de importantes elementos, grupos e indivíduos que produzem a cultura local.

Palavras-chave: Cartografia Social; Georreferenciamento; Método Misto.

Mapa do Bem Project: social cartography and georeferencing city for building a Digital Cultural and Gastronomic Guide of neighborhoods of Vitória

Abstract. Mapa do Bem corresponds to a technological extension pilot project on social cartography and georeferencing of eight neighborhoods in the municipality of Vitória - ES, concerned on a collective building for an interactive tool featured as a digital application. The project aimed to make a Cultural and Gastronomical Guide available, which boosts and eases local and city inhabitants to get to know and access goods and services, as strategy for collaborating on territory social, economic and cultural development. The mapping of gastronomic and cultural places integrated qualitative research to a set of quantitative techniques for producing data, namely, social and geo-referencing mapping techniques for the identification and recording the access and local consumption references. The paths for the construction of the Guide presented, provided not only the mapping or Guide creation, but also the recognition and appreciation of relevant elements, groups and individuals that produce local culture.

Keywords: Social Cartography; Georeferencing; Mixed method.

1 Introdução

Nota-se nas pesquisas realizadas no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que o número de trabalhos stricto sensu que articulam as tecnologias de geoprocessamento com a proposta de se dinamizar a utilização das estratégias de “tecnologia social” são bem pontuais. E é pertinente que se potencialize o uso de técnicas de geolocalização na transformação social.

Neste sentido, o presente artigo expõe a metodologia de pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de arcabouço teórico sobre cartografia digital articulada a métodos quantitativos para execução do “Mapa do Bem”, que corresponde a um projeto de geotecnologias sociais e colaborativas do

mapeamento de oito bairros do município de Vitória – ES, para a construção de um Guia Digital Gastronômico e Cultural.

O Guia é apresentado em forma de aplicativo a ser usado em dispositivos móveis digitais. Para a sua criação, foi construído um banco de dados acerca de pontos culturais, gastronômicos e referenciais da região, por meio de um minucioso trabalho de campo onde se utilizou de técnicas qualitativas e quantitativas para produção de dados, mais especificamente, técnicas de cartografia social e de georreferenciamento.

O Mapa do Bem foi desenvolvido por pesquisadores e alunos de diferentes áreas, como: psicologia, engenharia cartográfica, letras, geografia, sistemas de informação, comunicação e marketing, e filosofia, que estão associados ao Laboratório de Tecnologia Social (LabTec) e do Laboratório de Extensão em Desenvolvimento de Sistemas (Leds) do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Iniciou-se em 2015 a partir de uma demanda da Associação Ateliê de Ideias, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que atua na produção de soluções para o desenvolvimento local urbano do Território do Bem¹.

Este projeto tem como objetivo criar condições para estimular e facilitar o consumo endógeno e o reconhecimento dos valores, dos bens e serviços sociais, econômicos e culturais, que são produzidos e que estão disponíveis no próprio Território. Além disso, visa reverter à representação social negativa que o Território tem no imaginário coletivo, e promover o acesso à cidade por meio dos bens, serviços e referências positivas locais.

O artigo apresenta detalhadamente os componentes metodológicos que viabilizaram a produção de dados e a criação do software (Guia em forma de aplicativo), nomeadamente: pesquisa qualitativa para identificação e levantamento dos pontos culturais e gastronômicos a serem inseridos no Guia; georreferenciamento dos pontos de referência para acesso e localização no território, por meio de uma perspectiva comunitária; produção de conteúdos colaborativos e multimídia para apresentação visual e escrita dos pontos cartografados.

Trata-se de componentes metodológicos que, por diversas vezes, ocorreram simultaneamente para a elaboração de uma cartografia social e georreferenciada do território e para a construção de uma plataforma apropriada para o compartilhamento digital de informações.

A abordagem qualitativa predominou nesta pesquisa por meio da cartografia social, articulando-se posteriormente, a métodos quantitativos para a obtenção de dados espaciais oficiais.

2 Sobre Cartografar Espaços

Em que pese à polissemia que norteia o vocábulo *cartografia*, historicamente, no campo da geografia/engenharias a ela coube a tarefa de viabilizar o mapeamento de fenômenos na superfície terrestre. Apropriado por outras áreas de conhecimento, o vocábulo sofreu torções e ressignificações. Trabalhos desenvolvidos por Passos, Kastrup, & Escóssia (2015) na esteira de autores como Deleuze & Guattari (1995), têm alimentado discussões sobre a cartografia como método de pesquisa, um método ad hoc, construído quando se pretende não representar processos, mas acompanhá-los. No campo da geografia, alguns estudos vêm compondo análises sobre o papel das imagens na geografia contemporânea, buscando transcender das estritas regras técnicas para um mapeamento que busque captar a complexidade de sujeitos, processos e afetos constitutivos dos lugares (Girardi, 2014). Nessa

¹ Região localizada na capital Vitória, Espírito Santo/Brasil, formada por oito bairros e habitada por população de baixa renda e precária infraestrutura.

mesma tendência, destacam-se os estudos de cartografia social, em que a participação dos sujeitos é fundamental na elaboração dos mapas, apontando os elementos e limites que julgam pertinentes ao que denominam de “seu território” (Acseirad, 2014; Almeida, 2012). Por fim, ressalta-se ainda a cartografia colaborativa, a qual, para além da literatura nacional, tem abarcado estudos e pesquisas voltadas ao armazenamento digital e interação colaborativa no uso de geotecnologias (Capineri, 2016; Stein, Kremer, & Schlieder, 2015). O Mapa do Bem se entrelaçou a esses movimentos teóricos, compondo caminhos entre as propostas de mapeamento participativo e colaborativo. Ou seja, dedicou-se a ouvir os sujeitos e compreender suas referências de acesso a lugares, bem como, dedicou-se à construção de uma plataforma digital que viabilizasse, em curto prazo, a inserção de fluxos de informação personalizados, descentralizados e contínuos. Isso significa, ao fim de tudo, impactos na apropriação do espaço urbano pelos próprios moradores, visitantes, além da representação social positiva do Território.

Todo o trabalho de geotecnologia desenvolvido para a produção do Guia articulou-se ao trabalho cartográfico social, exigindo, para além do saber técnico e da produção de dados quantitativos, interface constante com técnicas qualitativas, por meio da experiência social cartográfica, buscando superar a tradicional dicotomia, posta na análise de Tedesco, Aragão, Leite, Sgarbi, & Corrêa (2016), pois “se, por um lado, as pesquisas quantitativas recebem críticas quanto à excessiva quantificação da realidade, por outro, as pesquisas qualitativas são acusadas de comprometer a objetividade e o rigor científico”.

Minayo & Sanches (1993) também evidenciam a necessidade de dispormos do quantitativo e qualitativo numa essência única, onde ambos interferem, se fundamentam e se questionam, refutando a ideia da condição de oposição na qual metodologicamente têm sido colocados.

Nesse sentido, tendo em vista a complexidade para a produção dos dados para o Guia, a pesquisa utilizou-se de métodos mistos, afirmando e legitimando um espaço interdisciplinar e metodologicamente inovador.

3. Componentes metodológicos

3.1 Pesquisa qualitativa, do tipo cartográfica, para o levantamento dos pontos culturais e gastronômicos

O levantamento dos pontos ocorreu privilegiando a participação direta dos pesquisadores, colaboradores do Ateliê de Ideias e bolsistas do Ifes (do curso de graduação em Letras e do curso técnico em Geoprocessamento) no ambiente a ser cartografado, a partir de dinâmicas interativas e comunicativas com a população local.

Para a realização do levantamento foi necessário promover a identificação de lideranças formais e informais do Território, começando pelo diálogo com o Fórum Bem Maior² e com o Ateliê de Ideias. As lideranças iam indicando outras lideranças para acompanhar o percurso dos pesquisadores pelo bairro. Além disso, foi elaborado um roteiro semi-estruturado, com perguntas abertas, que norteou as perguntas e olhares dos pesquisadores.

²Coletivo que integra politicamente todas as comunidades do Território do Bem.

A atividade de campo possibilitou acompanhar e observar hábitos, costumes e o dia a dia na comunidade. As técnicas utilizadas na pesquisa cartográfica foram:

- 1) **Observação:** olhar, escutar e registrar foram procedimentos constantes;
- 2) **O diário de campo:** usado para registro/produção de dados, contemplou observações dos pesquisadores sobre situações vivenciadas e primeiras impressões;
- 3) **Fotografia:** o registro fotográfico contribuiu como instrumento para o processo de construção do diário de campo e para composição da produção de conteúdo sobre o ponto.



Fig. 1. Exemplos de fotografias obtidas em pontos cartografados. Apresentam itens para consumo gastronômico, o artesanato e sua obra e artes de rua produzidas por artistas da região. Fonte: equipe LabTec (2015/2016).

A seguir, trecho do diário de campo elaborado por um dos pesquisadores, o qual também era morador do Território investigado:

“Cada dia um novo trajeto, uma nova descoberta, um novo olhar, um novo sentido. Cada ponto trazia uma história, uma curiosidade e um monte de coisas deliciosas. São Benedito é como qualquer outro bairro carregado de curiosidades e situações inusitadas, tais como bares que são lanchonetes e lanchonetes que são restaurantes, padaria que é pizzaria, boteco que é ateliê de arte e por aí vai. [...] A comunidade é beneficiada com o endereço cidadão o que facilitou muito no decorrer no nosso trabalho, porém muitos becos ainda se encontram sem placa, segundo moradores, algumas placas foram retiradas pelos próprios residentes do bairro. Além disso, algumas inconsistências foram encontradas na placa de dois becos, que apresentava nomes trocados. As pessoas são bem hospitaleiras, bem alegres e brincalhonas, o que contribui muito para o potencial turístico da comunidade, mas infelizmente pouco reconhecido pela própria comunidade. [...] Uma curiosidade é que na metade do bairro se inicia outro e muitos moradores não têm conhecimento disso e se têm, não ligam. [...] Outra curiosidade é que mais da metade de São Benedito ainda reside na Rua Tenente Setubal, 395. Na verdade, antes do endereço cidadão chegar à comunidade este era o endereço usado por todos para correspondência e como comprovante de residência, seja para matricular os filhos num dos projetos sociais locais ou para matricular na escola por exemplo. Caminhar por entre as ruas e viela da comunidade de

São Benedito foi extremamente gratificante, pois pude desenvolver um novo olhar sobretudo apreciativo e apaixonado, sobre tudo e todos.” (Pesquisadora e moradora de São Benedito).

Durante toda a caminhada pelos bairros ao longo do levantamento cartográfico, os pesquisadores lançaram mão de um roteiro semi-estruturado. As perguntas eram dirigidas aos moradores, registradas em diário e, posteriormente, lançadas numa planilha. A planilha era transferida para um gerenciador de banco de dados SGBD3, que alimentou a base de dados do Guia.

As perguntas contidas no roteiro abrangiam nome do estabelecimento ou ponto referencial, nome ou apelido do proprietário ou artista, telefone, endereço, ramo de atividade, produto vendido, tempo de atuação na localidade, especialidade ou curiosidades relevantes. Além disso, era solicitada a indicação de outros pontos de referência, os quais o morador julgava interessantes. Vale ressaltar que houve algumas modificações no roteiro trabalhado em campo, à medida que a pesquisa avançava, a fim de melhor atender os objetivos da pesquisa.

3.2 Georreferenciamento dos pontos de acesso e localização no Território por meio de uma perspectiva comunitária

As atividades associadas ao geoprocessamento articularam-se ao trabalho cartográfico e consolidam a produção de dados por método misto. Essas atividades podem ser dispostas em quatro momentos distintos:

- 1) **Pré-mapeamento do campo;**
- 2) **Georreferenciamento dos pontos de interesse;**
- 3) **Geoprocessamento dos dados levantados;**
- 4) **Controle de qualidade dos pontos inseridos no SGBD.**

As referidas etapas serão detalhadas a seguir:

3.2.1 Pré-mapeamento do campo: dados oficiais e perspectivas comunitárias

O pré-mapeamento correspondeu ao levantamento de dados quantitativos por meio de busca de mapeamentos oficiais a fim de delimitar a área e possibilitar a produção de mapas detalhados de cada bairro para guiar os pesquisadores e bolsistas durante a pesquisa de campo. Assim, foi realizada a coleta de dados existentes junto às instituições municipal, estadual e instituições parceiras para posterior elaboração de mapas que atendessem às necessidades de apoio de campo. Optou-se então, como base cartográfica inicial, a regionalização estabelecida pela prefeitura Municipal de Vitória - denominada de Poligonal 1.

Para compreender as perspectivas comunitárias, foi utilizado método qualitativo com a realização de oficinas em cada um dos bairros, o que possibilitou o reconhecimento local e a construção de um roteiro dos principais pontos de referência para serem inseridos no Mapa de Referências Locais, partindo da base cartográfica oficial.

³ O Sistema de gerenciamento de banco de dados denominado Django, atuou como um site administrativo possibilitando o cadastro de pontos levantados na pesquisa de campo. Estes dados, lá armazenados, aparecem de forma sistematizada em um aplicativo de celular.

Esta atividade possibilitou perceber todo o contraste existente entre as projeções oficiais sobre o espaço e sobre como a comunidade local reconhece o território. A partir deste momento, percebeu-se que seria importante registrar os endereços usuais (informais), paralelamente à confirmação dos logradouros definidos oficialmente - contemplando, deste modo, o reconhecimento do território daqueles que habitam e dão sentido àquele espaço. Dessa forma, diante das divergências entre os dados oficiais e os dados obtidos junto aos moradores, fez-se necessário reelaborar a cartografia da região com base nas percepções comunitárias, sendo então parcialmente redefinidos os limites das localidades para esta pesquisa.

3.2.2 Georreferenciamento dos pontos de interesse

Georreferenciamento é o ato de tornar as coordenadas conhecidas para determinado ponto, num dado sistema de referência. A identificação exata de cada ponto/localidade é feita por meio da obtenção de coordenadas espaciais que, ao serem lançadas num software de Sistema de Informações Geográficas (SIG) posicionam no mapa a localização desse ponto.

A metodologia quantitativa escolhida para obtenção das coordenadas foi o uso do GPS Essentials, uma tecnologia disponibilizada em forma de aplicativo livre via plataforma mobile. As coordenadas foram posteriormente lançadas num sistema desenvolvido especificamente para este projeto, compondo uma base de dados que alimentou o Guia virtual. A intenção era que o usuário, ao desejar identificar o ponto gastronômico ou cultural, pudesse visualizá-lo na plataforma do Google Maps.

Vale ressaltar que a ideia era utilizar somente o GPS Essentials no telefone móvel para levantar todos os pontos de campo, em todas as localidades. No entanto, após coletar os primeiros pontos, chegou-se a conclusão de que a ferramenta não poderia ser utilizada como única fonte para o georreferenciamento, pois a captação do sinal de internet oscilava frequentemente, comprometendo a precisão ou até mesmo inviabilizando a tomada das coordenadas.

Essa dificuldade foi atribuída, possivelmente, ao fato da região caracterizar-se por ruas estreitas e becos com elevado aglomerado de edificações residenciais e comerciais. Assim, o uso do GPS Essentials passou a servir de apoio e, paralelamente, o georreferenciamento foi feito manualmente, assinalando nos mapas impressos os pontos com o auxílio dos entrevistados. Posteriormente, os pontos identificados manualmente eram incorporados ao arquivo digital obtido na etapa de pré-mapeamento.

3.2.3 Geoprocessamento dos dados espaciais levantados

Para a manipulação dos dados quantitativos obtidos no georreferenciamento e elaboração dos mapas dos pontos gastronômicos e culturais foi utilizado o programa ArcGis, que disponibiliza os pontos georreferenciados associados a uma planilha de atributos (nome do estabelecimento, nome de rua, temática, dentre outros). Após alguns testes, utilizou-se a base de dados do GeoWeb facilitando a sistematização dos dados espaciais e permitindo então disponibilizar os pontos levantados por meio de diversos tipos de mapas.

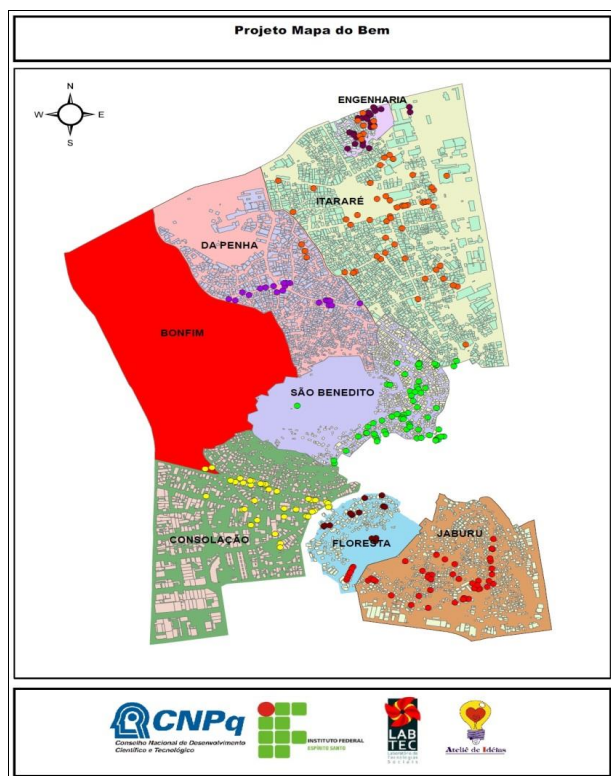


Fig. 2. Cartografia dos pontos georreferenciados. Fonte: equipe LabTec (ago. 2016).

3.2.4 Controle de qualidade dos dados qualitativos e quantitativos

Após transferência dos dados qualitativos e quantitativos para o SGBD criado especificamente para este projeto, era possível incluir, alterar ou consultar dados numéricos, espaciais, descritivos, e imagens. Isso foi fundamental porque foi necessário fazer uma revisão dos mais de 200 pontos cartografados, dada à fluidez das mudanças têmporo-espaciais. Consequentemente, muitos pontos cartografados no início da pesquisa, ao final, já não mais cumpriam a mesma função. O controle de qualidade dos dados espaciais foi feito por meio da verificação da acurácia do posicionamento de todos os pontos georreferenciados em campo por meio do GPS e do mapa físico em relação ao posicionamento apresentado no Google Maps, além da verificação da compatibilidade dos pontos georreferenciados com as imagens disponibilizadas no Guia. Portanto, concluída a coleta dos pontos, foi feita revisão dos dados, controle de qualidade e seleção definitiva dos pontos a permanecerem no Guia.

3.3 Produção de conteúdos colaborativos e multimídia para apresentação visual e escrita dos pontos cartografados

O método qualitativo foi utilizado para produção de conteúdos colaborativos e multimídia para apresentação visual e escrita dos pontos. Para cada ponto cartografado foi construído, com base nos diários de campo e informações do roteiro semi-estruturado, um pequeno texto de apresentação associado a uma ou mais fotografias.

4. Resultados

O principal resultado do projeto Mapa do Bem é um aplicativo mobile para comunicar serviços gastronômicos e culturais existentes no Território do Bem – disponibilizado em outubro de 2016 como um Guia Gastronômico e Cultural. Esta ferramenta tecnológica fundamentou-se na integração de dados qualitativos e quantitativos. Portanto, o Guia é um produto construído com base nas pesquisas de referências locais (cartográficas), georreferenciamento, produção de conteúdos multimídias e criação de plataforma digital e interativa.

A interseção entre essas frentes metodológicas produziram, ao fim de tudo, tanto uma metodologia quanto um produto inovador. Deste modo, foi elaborada e testada uma tecnologia social, de cunho interdisciplinar e que metodologicamente priorizou a abordagem qualitativa na interface com métodos quantitativos.

Atualmente o Guia exibe 59 pontos (gastronômicos e culturais), todos eles com coordenadas, fotos e uma breve descrição. Além deles, há 45 pontos de referência para localização. Cabe ressaltar que inicialmente havia 119 pontos cadastrados (gastronômicos e culturais), além de 117 pontos de referência. Após a etapa de controle de qualidade, muitos desses pontos não puderam ser adicionados ao Guia devido à extinção física do ponto, mudança de função ou a não autorização do proprietário para divulgação.



Fig. 3. Visual da página inicial do Guia Digital Mapa do Bem. Fonte: equipe LabTec (2016).

Outro resultado observado, com impacto relevante nas comunidades pesquisadas, foi o desenvolvimento de um olhar sensível aos elementos sociais e naturais que as constituem, uma vez que os moradores tinham que refletir e identificar quais bens, serviços e referenciais positivos deveriam ser incluídos no acervo do Guia. Assim, a execução da metodologia possibilitou debates entre as pessoas que participavam da comunidade, instigando-as a olhar para si e reconhecer valores antes invisibilizados por esteriótipos predominantemente negativos.

Destaca-se, ainda, um produto cartográfico atualizado da região resultante da produção de dados no campo. A utilização das bases de dados da Prefeitura promoveu um constante confronto entre os

dados institucionais e as informações dos sujeitos da pesquisa, advindas do uso pragmático que fazem do Território que habitam. Com isso, novos mapas foram construídos, a partir da integração e tratamento sistemático de fontes formais e informais.

A difusão e transferência do conhecimento produzido, para além do campo acadêmico, deram-se por meio de três oficinas e diversas reuniões de grupos de estudo, cujos convites de participação foram efetivamente estendidos às comunidades mapeadas. Tais oficinas foram executadas em bairros estratégicos do Território do Bem. Os grupos que participaram eram compostos por lideranças locais. A acolhida e interesse dos participantes das oficinas demonstrou que o aplicativo (Guia) e sua função técnica e social têm muito a contribuir com o reconhecimento do valor do comércio e cultura locais.

5 Conclusões

O projeto Mapa do Bem constitui uma experiência metodológica piloto a ser replicada em outras localidades e mostra-se como uma proposta desafiadora e inovadora de produção de Ciência e Tecnologia no campo do estudo, pesquisa e execução de geotecnologias sociais e colaborativas. A utilização da abordagem qualitativa, complementada por métodos quantitativos de produção de dados, foi fundamental para a composição da base de dados para o Guia. E este artigo contribui, exatamente, nos debates acerca da produção e sistematização desses dados produzidos a partir de métodos mistos.

Esta experiência mostra-se como oportunidade concreta para os bolsistas e pesquisadores ampliarem o diálogo com a comunidade externa e conhecerem suas demandas. Sabe-se que o acesso e o uso da ciência, tecnologia e inovação se constituem como uma vertente de produção de valor econômico para o país, contudo, sua distribuição mostra-se desigual e fragmentada, implicando numa desvantagem competitiva para aqueles que têm acesso limitado. Dessa forma, o diálogo construído entre o Ifes e a OSCIP Ateliê de Ideias, para que este projeto se concretizasse, viabilizou a ampliação do acesso e uso do território, por meio de novas tecnologias, com vistas à transformação de uma região precariamente atendida em suas demandas sociais.

Por outro lado, um desafio a ser considerado ao final do projeto foi a dificuldade de uso e manipulação do aplicativo pela comunidade em geral, tendo em vista que algumas pessoas apresentaram dificuldade em manipular o aplicativo e outras não possuíam aparelho móvel com tecnologia mínima que atendesse a esse fim. Parte deste desafio tem sido estrategicamente enfrentada por meio das oficinas de formação realizada com as lideranças locais. Estas formações objetivam a difusão estratégica de modo a viabilizar o uso do aplicativo por toda a região.

A transferência da gestão da tecnologia produzida para o Ateliê de Ideias encontra entraves significativos em termos de capital disponível para viabilizar a infraestrutura adequada à manutenção e a hospedagem do banco de dados produzido. Um dos planos para garantir a continuidade e sustentabilidade do Guia é transformá-lo em negócio social. Contudo, essa é uma etapa ainda em estudo.

Por fim, cabe ressaltar que, embora todo o processo metodológico e a elaboração do produto digital final tenham despertado na comunidade a reflexão sobre o que é bom e recomendável no local, e

isso impacta diretamente sobre a autoestima comunitária, um dos propósitos explícitos do projeto e de seus produtos é apresentar novos prismas de percepção de fora para dentro, ou seja, “como a cidade vê essas comunidades e sob quais lentes e narrativas?”.

A forma como a cidade vê essas comunidades/bairros é um fator decisivo no complexo processo de pensar desenvolvimento e inclusão social plena. O valor do serviço prestado, do produto ou do espaço público a ser usufruído como lazer/cultura, quando falamos de bairros periféricos ou favelas, é rebaixado na medida da representação social negativas de moradores e do próprio local. É nessa medida que a construção e utilização de um Guia Gastronômico e Cultural de uma região carente, que valoriza seus produtos e saberes, proporcionam resultados efetivos no campo da cidadania e do desenvolvimento econômico local.

Agradecimentos. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq), à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec) e ao Instituto Federal do Espírito Santo.

Referências

- Acselrad, H. (Org). (2014). Cartografia social , terra e território. *R. B. Estudos Urbanos E Regionais*, 16(1), 223–227. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2014v16n1p223>
- Almeida, A. W. B. de. (2012). Territórios e Territorialidades específicas na Amazônia: entre a “proteção” e o “protecionismo.” *Caderno CRH*, 25(64), 63–71. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v25n64/05.pdf>
- Capineri, C. (2016). The Nature of Volunteered Geographic Information. *European Handbook of Crowdsourced Geographic Information*, (2007), 15–33. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5334/bax.b>
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Girardi, G. (2014). Funções de mapas e espacialidade: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em geografia. *Revista Brasileira de Cartografia*, 861–876. Retrieved from <http://www.lsie.unb.br/rbc/index.php/rbc/article/viewFile/927/715>
- Minayo, M. C. D. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 237–248. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300002>
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da (Orgs). (2015). *Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (L. A. P. Gomes, Ed.). Porto Alegre: Editora Sulina.
- Stein, K., Kremer, D., & Schlieder, C. (2015). Spatial collaboration networks of OpenStreetMap. In H. M. (eds) Jokar Arsanjani J, Zipf A, Mooney P (Ed.), *Openstreetmap in GIScience. Lecture notes in geoinformation and cartography* (pp. 167–186). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-14280-7_9. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-14280-7_9
- Tedesco, A. N. S., Aragão, E. M. A., Leite, L., Sgarbi, A. D., & Corrêa, J. C. (2016). Projeto Conhecer Montanha: uma experiência de integração de abordagens quali e quanti para mapeamento sociocomunitário e geoespacial. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 5, 82–102. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.21664/2238-8869.2016v5i2.p82-102>